

*** Texto crítico da curadora Ariana Nuala, para a exposição “Ensaio para um poema sem palavras”, individual de Clara Moreira no Centro Cultural Mercado Eufrásio Barbosa - Abril 2022, Olinda**

Por Ariana Nuala

Para se mergulhar em um papel, há um grande desejo latente em descobrir que oceanos habitam as frequências rítmicas e cromáticas que compõem este espaço. Gostaria de me referir a Clara como mergulhadora, aquela que abre os olhos para encontrar a imensidão. Atravessando nuances e texturas que são preenchidas pela inserção de seu próprio corpo em contato com o papel e na sua distribuição de peso, cheiros e suores.

Um desenho/mergulho que envolve o corpo inteiro, uma saída frente a supremacia da mente sobre o corpo, da binariedade que constituiu o figurativo e a abstração e da distância entre ser humano e natureza. Há lapsos que borram estes limites, os poros que nos aproximam dos fungos, raízes e algas, fazem poesia para ser *vista*.

A transformabilidade das formas ocupa um lugar central, sugere em sua mutação o escape de uma fixidez rígida que delimita os preâmbulos das linguagens. Em sua teimosia, Clara continua ensaiando seu encontro com mundos distintos, reafirmando a possibilidade de uma fala que não se reduz ao verbo e que tem espaço para o segredo e o silêncio.

Porventura, há um exercício ensaístico entre escrita, desenho e gesto, um ciclo incessante que borra estas próprias categorias para a expansão de um lugar performático. A série que intitula a exposição elucida a prática de quem ensaia em constância e recusa à finitude, revelando surpresas sobre aquilo que parece premeditado.

- - - - -

*** Curatorial text for the exhibition “Essay for a without words poem”, held at Centro Cultural Mercado Eufrásio Barbosa
Olinda April 2022**

by Ariana Nuala

To dive into a paper, there is a great latent desire to discover which oceans inhabit the rhythmic and chromatic frequencies that make up this space. I would like to refer to Clara as a diver, the one who opens her eyes to find the immensity. Going through nuances and textures that are filled by the insertion of her own body in contact with the paper and in its distribution of weight, smells and sweat.

A drawing/diving that involves the whole body, an exit from the mind-over-body supremacy, from the binarity that constituted the figurative and the abstraction and the distance between human and nature. There are lapses that blur these limits, the pores that bring us closer to the fungi, the roots and the algae, make poetry to be seen.

The transformability of forms occupies a central place, suggesting in its mutation the escape of a rigid fixity that delimits the preambles of languages. In her stubbornness, Clara continues rehearsing her encounter with different worlds, reaffirming the possibility of a speech that

*cannot be reduced to the verb and that has space for secrecy and silence.
Perhaps, there is an essayistic exercise between writing, drawing and gesture, an incessant
cycle that blurs these proper categories for the expansion of a performative place. The series
that entitles the exhibition elucidates the practice of those who rehearse in constancy and
refuse to finitude, revealing surprises about what seems premeditated.*